

1. Introdução

Atualmente, percebe-se o crescente êxodo religioso, nas comunidades cristãs. Isso acontece devido a vários fatores que têm contribuído para que as pessoas se tornem cada vez mais céticas ou menos religiosas. A sociedade atual vive em constantes e rápidas mudanças, as quais produzem diversos tipos de crises nas pessoas por elas experimentadas ¹. As Igrejas cristãs, por meio de suas hierarquias eclesiásticas, lutam para vencer essas crises religiosas do seu tempo, esforçando-se para assegurar que os fundamentos da fé cristã e as doutrinas serão preservados. Com isso, não percebem que o medo, o controle excessivo e a manipulação do poder eclesiástico tendem a afastar as pessoas das instituições religiosas, contribuindo, ainda mais, para o desenvolvimento de uma espiritualidade à margem das Igrejas cristãs. Obras como: *A Cabana, Porque você não quer mais ir à Igreja?*, e *Proibida a entrada de pessoas perfeitas*, servem para denunciar a crise religiosa na sociedade atual, bem como, a necessidade que as pessoas possuem de construir um relacionamento com Deus longe do controle absoluto das instituições religiosas ².

¹ CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. Trad. Álvaro Cabral. 23ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 26. Segundo Fritjof Capra, um físico renomado, as constantes e rápidas mudanças têm provocado várias crises na sociedade atual. Crise na saúde, com um número alarmante de doenças que têm ceifado a vida de muitos, como vários tipos de cânceres e derrames. Crise no meio ambiente, seguido de um aumento assustador de terremotos, furacões, tsunamis e outros desastres naturais. Crise nas relações sociais, aumentando o índice de depressão, esquizofrenia, vícios, violência, crimes, suicídio e morte. Crise na economia, provocando inflação, desemprego, má distribuição de rendas. Crise na tecnologia, sendo utilizada muito mais para tirar vidas do que salvar vidas. Crise na política e crise de ética, pois, há falta de caráter e os valores estão deturpados. Crise na religião, produzindo ao mesmo tempo, fanatismos em uns e ceticismo em outros. E, talvez a maior de todas as crises instalada seja a crise de percepção. Pois, esta impede que o ser humano perceba que a inflexibilização das estruturas sociais e religiosas, poderá levar a desintegração da sociedade instituída.

² BURKE, John. *Proibida a entrada de pessoas perfeitas: um chamado à tolerância na Igreja*. São Paulo: Vida, 2007. JACOBSEN Wayne e COLEMAN Dave. *Por que você não quer mais ir à Igreja? Uma história sobre o verdadeiro sentido do amor de Deus*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009. YOUNG, William Paul. *A Cabana*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. Nestas obras torna-se evidente que alguns teólogos liberais em reação à teologia ortodoxa, têm buscado construir uma espiritualidade livre dos absolutismos e dos paradigmas cristalizados pelas Igrejas cristãs clássicas. Desse modo, eles abrem as portas para um cristianismo às margens das Igrejas cristãs.

Diante dessa realidade, nota-se que as Igrejas cristãs contemporâneas, católicas e protestantes, carecem urgentemente de uma reformulação em relação às suas práticas eclesiais, pois estão correndo o risco de serem transformadas em pequenos guetos. Parece haver um clamor das pessoas em relação a uma Igreja que tenha algo a dizer diante de todas as adversidades e dificuldades da vida cotidiana. A pós-modernidade trouxe consigo uma ausência de sentido. Não é muito difícil encontrar, em algumas Igrejas cristãs, várias pessoas perdidas, sem saber que rumo seguir. Por conseguinte, estas mesmas pessoas acabam por sair das Igrejas ou, ainda que permaneçam nelas, suas vidas se tornam infrutíferas, sem alegria, sem esperança. Por isso, é possível constatar que apesar do número de membros nas Igrejas católicas e protestantes se manterem ou até crescerem, em alguns lugares, aumentam também os índices de violência e criminalidade. Parece que muitas Igrejas estão cheias de crentes vazios. Ou seja, as pessoas se tornam membros das Igrejas, porém, ao que tudo indica, elas não encarnam os princípios essenciais da fé cristã, principalmente, buscando viver em novidade de vida (Cf. Rm 6,4; 2Cor 5,17).

Com efeito, há também algumas pessoas que, por acreditarem que as Igrejas não possuem uma resposta satisfatória aos seus anseios, nem sequer dão-se o trabalho de ouvir o discurso religioso, distanciando-se cada vez mais delas, buscando encontrar sentido para as suas vidas com outras práticas não religiosas, que não responderão à inquietude de suas almas. Com isso, cresce assustadoramente, por exemplo, o número de jovens, cada vez mais jovens, que se perdem nos vícios e na promiscuidade sexual. Essas pessoas buscam, por meio de alguma forma de prazer, re-significar, por assim dizer, as suas vidas. Por conta disso, no caso das mulheres, há um aumento exagerado no número de adolescentes e jovens grávidas e, por conseguinte, na taxa de aborto; no caso dos homens, percebe-se uma busca intensa e desenfreada por prazer; e, em ambos os casos, um aumento considerável da depressão, levando muitos jovens a perderem a sua vida, precipitadamente.

Somado a isso, algumas Igrejas cristãs com seus discursos religiosos e, em alguns casos, dualistas, desconectados da realidade, não conseguem comunicar o Evangelho de Cristo, neste novo contexto cultural. Por conta disso, em algumas Igrejas impera o autoritarismo. Nessas Igrejas, Deus é soberano e elas são

portadoras da salvação divina e agências do Reino de Deus, presentes na terra. Há também outras Igrejas que distorcem a mensagem do Evangelho de Cristo, apresentando uma falsa imagem de Deus, inclusive, afirmando promessas em nome Dele, promessas que Ele mesmo nunca as fez. Dessa maneira, tornam a mensagem cristã, ineficiente e ineficaz, reduzindo Deus a uma espécie de agente de milagres que intervém de fora da realidade, provocando nas pessoas menos esclarecidas uma fé mágica, fideísta e infantil. Com efeito, aqueles que possuem um pouco mais de esclarecimento rejeitam completamente esta idéia de Deus, tornando-se céticos ou, em alguns casos, ateístas. Pior do que estes são aqueles que mesmo permanecendo presentes nas Igrejas, na medida em que os “milagres” não acontecem como eles gostariam ou como lhes fora prometido, decepcionam-se com Deus, e terminam por abandonar a fé cristã; ou então, desenvolvem um ateísmo prático. Dessa forma, aqueles que se revoltam com essa imagem do deus mágico, distanciam-se completamente das Igrejas cristãs. Os demais, até comparecem as missas ou aos cultos nas Igrejas, todavia, não acreditando mais nelas, vivenciando um profundo vazio, como diria o *Coélet*, um “sem sentido” (Cf. Ecl 1,2; 12,8), culminando com o seu distanciamento gradativo, porém constante, e ainda maior, de Deus.

Posto isto, surgem as seguintes questões: o que aconteceu com as Igrejas cristãs contemporâneas a fim de que se distanciassem intensamente da proposta de Jesus Cristo, nos Evangelhos? O que dizer da descontinuidade das Igrejas cristãs contemporâneas em relação à *práxis* religiosa das Igrejas cristãs primitivas? O que levou as Igrejas cristãs a adotarem em sua prática eclesiástica um sistema tão rígido e inflexível? Como ser uma Igreja relevante comunicando de maneira eficiente e eficaz, sobretudo, o cerne da mensagem cristã, isto é, o amor de Deus, revelado em Jesus Cristo?

Não se tem a pretensão, neste trabalho, de lançar os fundamentos para as Igrejas cristãs do século XXI. Entretanto, busca-se considerar a possibilidade de se voltar às origens das estruturas eclesiásticas das Igrejas cristãs primitivas, com o objetivo de se observar como o princípio de autoridade era exercido naquelas comunidades, bem como, o seu processo de desenvolvimento. Não obstante, almeja-se também, sob uma nova perspectiva, holística, integrada, em conformidade com esta nova realidade, sem manipulação, sem dominação, sem

autoritarismo, preservando e respeitando o princípio fundamental do amor que é a liberdade, refletir, à luz do Espírito Santo, sobre como as Igrejas cristãs contemporâneas devem agir para manter a unidade na diversidade. Dessa forma, preservando a unidade entre a hierarquia das Igrejas e os demais fiéis, sem cercear a ação do Espírito, culminando com uma nova forma de ser Igreja, capaz de responder aos desafios da modernidade e pós-modernidade. Desafios estes que requerem de cada cristão genuíno, comprometido com a Bíblia Sagrada, um posicionamento que o permita prosseguir na luta pelo estabelecimento da justiça e do direito. Pois, entende-se que é inadmissível que o Povo de Deus, cale-se diante da dor, do sofrimento e do vazio que angustia a tantas pessoas. A Igreja de Cristo deve se manifestar com discernimento e sabedoria, levando um pouco de esperança às pessoas que se encontram desesperadas. É preciso lembrar que “a ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,19).

Mais do que isso, as Igrejas cristãs devem ser vibrantes, fazendo a diferença, em um mundo indiferente, buscando na Palavra de Deus e no Espírito Santo uma direção a seguir. As Igrejas devem aprender a respeitar, amar e caminhar com as pessoas, em liberdade, levando-as à conscientização de que servir e amar a Deus exige abertura e diálogo em relação aos demais seres humanos e essa abertura só pode ser vivida no Espírito com orações, súplicas, e, sobretudo, ações de graças.

Por tudo isso, o presente trabalho tem por objetivo fazer um breve estudo sobre as possíveis origens do autoritarismo nas Igrejas cristãs, católicas e protestantes, procurando sob a iluminação do Espírito Santo, superá-lo em favor da liberdade de vida.

Entende-se que esse assunto diz respeito a qualquer cristão que faz a experiência de Deus e busca encontrar nas Igrejas cristãs amor, liberdade, acolhimento, crescimento, maturidade espiritual, paz e esperança, a fim de que possa enfrentar os desafios da vida. Ainda que se admita que há uma distância substancial entre a realidade e o ideal proposto.

Compreende-se que esse assunto seja de total relevância, pois, de uma forma ou de outra, a sociedade contemporânea busca respostas para os problemas do dia-a-dia. De fato, as pessoas de modo geral têm procurado encontrar razões para os seus conflitos interiores, em diversas religiões. Não obstante, em alguns casos, muitas têm tentado por meio de práticas místicas fazer a experiência de

Deus. Acredita-se que isso acontece devido ao fato de que, via de regra, as Igrejas cristãs têm assumido posições arbitrárias e, às vezes, autoritárias diante dos desafios que têm amedrontado e angustiado a sociedade. Além disso, convém destacar que a sociedade contemporânea não aceita nenhuma espécie de verdade absoluta que lhe é imposta de fora para dentro. Por isso, essa pesquisa pode servir como uma ferramenta útil e eficaz a fim de que as Igrejas sejam despertadas para a realidade de que precisam atualizar a sua linguagem para comunicar adequadamente a essência do Evangelho de Cristo.

Perceber-se-á que a primazia pelas fontes foi de natureza bibliográfica. Apesar disso, pretende-se construir uma ponte entre o saber teórico e a *práxis* eclesial, visando à interação das duas formas de saber.

Por fim, reconhece-se a limitação em outros idiomas, principalmente o Alemão e o Francês, que certamente contribuiriam para uma melhor compreensão e desenvolvimento do tema.

Diante do exposto, pretende-se no primeiro capítulo compreender como o Espírito Santo conduziu o processo de instituição das comunidades cristãs primitivas, bem como, a sua relação com as autoridades eclesiais. Ou seja, o objetivo é acompanhar como as comunidades primitivas foram se estabilizando após a morte dos discípulos que as organizaram. Além disso, almeja-se demonstrar a relação entre a hierarquia eclesial com os dons e carismas do Espírito, importantíssimos, em algumas destas comunidades. E, também, enfatizar o papel principal que o Espírito Santo exerceu, como protagonista da história, na linha continuativa de sucessão apostólica, e, conseqüentemente, na sustentação do princípio de autoridade nas comunidades cristãs primitivas. Desde a comunidade estabelecida em Jerusalém, que possuía um sistema hierárquico mais sinagoga, passando pelas comunidades paulinas em que os carismas eram fundamentais na condução eclesial, pelas petrinhas nas quais as bênçãos de Deus estavam relacionadas à pertença a comunidade e não à hierarquia, pelas joaninas onde imperava a lei do amor, chegando até as comunidades destinatárias das epístolas pastorais em que a autoridade eclesial foi utilizada para fortalecer as lideranças locais.

No segundo capítulo, almeja-se esclarecer o sentido original do princípio de autoridade e como o seu desenvolvimento histórico culminou com o autoritarismo

nas comunidades cristãs primitivas. Apesar de em algumas destas comunidades o relacionamento das autoridades eclesiais e ministeriais com os cristãos, basear-se a partir dos carismas do Espírito. Ademais, demonstrar-se-á que apesar disso, tanto no AT quanto no NT, o princípio de autoridade não foi oriundo de uma invenção humana, mas, foi fruto da vontade divina. Tratar-se-á também de como o processo de desenvolvimento da autoridade nessas comunidades, culminou com as várias formas de governo eclesiástico, as quais foram fundamentais para a subsistência das Igrejas cristãs. E, ainda, pretende-se acompanhar como a hierarquia, aos poucos, foi transformando o princípio de autoridade em autoritarismo, culminando com o enrijecimento das estruturas eclesiásticas cristãs.

Por fim, no último capítulo, refletir-se-á sobre a importância do Espírito Santo, que é fundamental para o processo de superação do autoritarismo religioso e espiritual, tanto nas comunidades cristãs primitivas quanto nas Igrejas cristãs atuais, católicas e protestantes. Além disso, será enfatizada a relevância do discernimento do Espírito no processo de gestação de uma nova forma de ser Igreja, capaz de superar as formas de autoritarismo que produzem a morte. Lançar-se-á um breve olhar no universo católico e protestante, a partir do Concílio Vaticano II e do Congresso de Lausanne, respectivamente, a fim de constatar como o Espírito Santo levou os cristãos, e, por conseguinte, as Igrejas cristãs contemporâneas a superarem, ainda que parcialmente, o enrijecimento eclesiástico e se abrirem para viverem as experiências do Espírito, como princípio e espaço vital, gerador da vida abundante (Cf. Jo 10,10). Mais do que isto, buscar-se-á lançar luzes sobre a real necessidade de renovação das Igrejas cristãs, com o intuito de se re-descobrir uma nova forma de ser Igreja capaz de superar o hierarquismo sem perder a autoridade, estabelecendo a justiça e o direito, e contribuindo para a libertação dos cristãos a fim de que estes possam andar em novidade de vida (Cf. Rm 6,4; 2Cor 5,17).